



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

## O ESTIGMA RELACIONADO AO HIV E À AIDS QUE DESAFIA COMUNIDADES DE FÉ: UMA RESPOSTA TEOLÓGICA FEMINISTA<sup>1</sup>

*HIV and AIDS-related stigma challenging Faith communities:  
a feminist theological response*

**Denise Ackermann<sup>2</sup>**

**Resumo:** A pandemia global da AIDS gerou estigmas que, geralmente, não ocorrem de forma isolada, mas estão associados, por exemplo, a estereótipos de gênero e patriarcalismos. A partir dessa constatação, este estudo tem como objetivo analisar a natureza do estigma e os desafios que se apresentam para as comunidades de fé oriundos do sofrimento causado pelo HIV e pela AIDS. Analisa-se a natureza do estigma mediante doze observações que se inter-relacionam sob a compreensão do estigma e seu olhar a partir da fé. Considerando ainda a teologia feminista, procura-se apontar para o desafio do testemunho inclusivo e solidário e de repúdio de todas as formas de estigmas.

**Palavras-chave:** HIV. AIDS. Estigma. Teologia feminista.

**Abstract:** The global AIDS pandemic caused stigmas that rarely act alone but are associated, for example, to gender stereotypes and their resultant patriarchal attitudes and practices. From this observation, this study focuses on the nature of stigma and the challenges it presents to communities of faith as they seek to deal appropriately with their role in alleviating the suffering caused by HIV and AIDS. It analyzes the nature of stigma by way of twelve observations interrelated in the understanding of stigma and its perspective of the faith. Also considering feminist theology, seeks to point to the challenge of inclusive and supportive testimony and of the rejection of all forms of stigma.

**Keywords:** HIV. AIDS. Stigma. Feminist Theology.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 10 de maio de 2012 e aprovado em 22 de outubro de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Traduzido do original em inglês por Geraldo Korndörfer.

Sou grata a Gillian Paterson e a Frank Molteno por seus *insights* e *feedback* crítico a um esboço anterior deste artigo. Para um trabalho mais extenso sobre este tema, cf. Engaging Stigma: An Embodied Theological Response to HIV and AIDS. *Scriptura*, v. 89, n. 2, p. 385-395, 2005.

<sup>2</sup> Professora visitante na Universidade de Stellenbosch, em Stellenbosch, província do Cabo Ocidental, África do Sul, na área de Teologia Prática. Contato: dmacker@iafrica.com

*“Thembi” emagreceu, perdeu o apetite e então ficou fraca demais para se levantar da cama. “Pedi à minha mãe que viesse de Transkei para cuidar de mim, porque meu namorado tinha voltado para Maputo. Não posso dizer à minha mãe que tenho a ‘nova doença’. Ele pensou que eu tinha sido enfeitiçada e mandou buscar o sangoma (curandeiro) para me esfregar com ervas a fim de expulsar os demônios. Nada ajuda. Agora receio que Sisi também esteja doente. O que acontecerá com ela? Não posso contar à minha igreja. Eles me julgarão.” (“Thembi” morreu duas semanas depois, em um quarto de fundos em um subúrbio de Joanesburgo, aos 29 anos de idade. Seu namorado chegou a tempo de enterrá-la. Sua filha Sisi vive agora com a avó e apresenta sinais de estar infectada com o HIV.)<sup>3</sup>*

*“Lunga estava tão animado naquela manhã. Ele estava indo para a pré-escola, com o rosto radiante e segurando firme seus sanduíches. Eu tinha contado à escola que ele era soropositivo. Eles o aceitaram. As coisas estavam indo bem e Lunga se desenvolvia. Então alguém quebrou a confidencialidade e contou a um dos pais que o menino era soropositivo. A notícia se espalhou rapidamente. Percebi hostilidade quando o levei para a escola, e então ele voltou para casa chorando. Pais de sua turma haviam proibido seus filhos de brincar com ele. Tivemos de tirá-lo da escola. Tem sido muito difícil. Sabemos o que é ser estigmatizado, e Lunga se sente sozinho.” (Louisa, mãe adotiva de Lunga, 4 anos.)*

*“Minha família é muito conservadora. São gente boa; leem sua Bíblia, frequentam a igreja, pagam seus impostos, mas jamais falam sobre sexo. Simplesmente não compreendem a vida de hoje. Não lhes posso dizer a verdade. Não compreendem, não saberão o que fazer comigo. Penso que me julgarão e não consigo suportar mais julgamento. Não sou uma pessoa má, simplesmente cometi um erro. Fui estúpida e estou pagando por isso. O pior não é o vírus, mas o julgamento.” (Annatjie, uma estudante de 24 anos que recentemente descobriu sua condição.)*

Esses fragmentos ilustram os efeitos do estigma sobre as vidas de três pessoas. Existem inúmeras histórias semelhantes na África do Sul, onde pessoas com HIV e AIDS são vistas, com demasiada frequência, como tendo se comportado de forma vergonhosa, como sendo moralmente deficientes e, assim, merecedoras de punição, ou como sendo “contagiosas” e, portanto, devendo ser evitadas.

Opor-se ao estigma é central no combate à pandemia global da AIDS. A complexidade do vírus humano da imunodeficiência (HIV) empalidece se comparada com a complexidade das forças sociais envolvidas na produção e reprodução do estigma em relação ao HIV e à AIDS. O estigma raramente age de forma isolada. Estereótipos de gênero e suas resultantes atitudes e práticas patriarcais são, por exemplo, parte da complexa cadeia causal que alimenta a contínua difusão do HIV e da AIDS. Este trabalho se concentrará na natureza do estigma e nos desafios que apresenta para co-

---

<sup>3</sup> O nome real de “Thembi” é omitido para proteger sua filha Sisi.

munidades de fé<sup>4</sup> à medida que procuram lidar apropriadamente com seu papel em aliviar o sofrimento causado pelo HIV e pela AIDS.

Faz-se necessária, porém, uma palavra de advertência. Concentrar-se no estigma pode solapar o debate produtivo sobre como lidar com o HIV e a AIDS. Se a noção de estigma se torna um conceito genérico a que recorrem todos os debates, ele pode desviar a atenção da responsabilidade de abordar as realidades da transmissão. Falar somente sobre o estigma pode desviar o foco da realidade de que a infecção resulta de certos tipos de comportamento em situações muitas vezes complexas. As discussões sobre o estigma podem, além disso, ser minadas se não reconhecerem o medo legítimo das pessoas frente à infecção mediante uma doença para a qual não há cura nem, para a maioria, tratamento disponível. Não surpreende que o HIV seja menos estigmatizado em grupos melhor educados quanto à natureza da doença e para os quais a AIDS se tornou (pelo menos em teoria) uma condição não fatal. A discussão do estigma é complicada ainda mais pelo fato de que o HIV encontra terreno particularmente fértil em grupos que já estão estigmatizados. Exemplos são os pobres, as mulheres, as viúvas, os refugiados ou os grupos socialmente deslocados. O estigma alimenta-se do estigma preexistente, aprisionando pessoas em situações que são impotentes para mudar e privando-as de sua plena humanidade.<sup>5</sup> O estigma é, pois, uma realidade complexa, multifacetada e perigosa, que exige nossa atenção.

Neste trabalho, exploro a natureza do estigma mediante doze observações inter-relacionadas. Antes de fazê-lo, descreverei brevemente meu ponto de partida teológico. Em seguida, refletirei sobre o que poderia constituir uma resposta apropriada ao estigma por parte de comunidades de fé a fim de apoiar seus papéis no combate à pandemia da AIDS.

## Teologia prática feminista encarnada

Escrevo na condição de teóloga prática feminista cristã. Isso basicamente significa duas coisas: em primeiro lugar, compreendo a teologia prática feminista, ou o que prefiro chamar de teologia feminista da práxis<sup>6</sup>, como teologia cristã crítica que está alerta para os desafios enfrentados por mulheres e todas as pessoas marginalizadas em suas tradições e instituições religiosas. Em segundo lugar, essa teologia é teologia encarnada, ou seja, ela está preocupada com a tensão entre teoria e práxis, entre o que cremos e o que fazemos em relação ao que cremos. Nossas ações são manifestações concretas de quem somos e do que cremos. Assim, minhas respostas teológicas refletem um permanente interesse nas ações encarnadas de comunidades de fé no sentido mais amplo possível.

---

<sup>4</sup> O termo “comunidades de fé” é empregado deliberadamente para denotar uma compreensão mais inclusiva de “igreja”, incluindo, ao mesmo tempo, as igrejas institucionais.

<sup>5</sup> Reconheço as contribuições de Gillian Paterson para as opiniões expressas neste parágrafo.

<sup>6</sup> Ver ACKERMANN, Denise M. Engaging Freedom: A Contextual Feminist Theology of Praxis. *Journal of Theology for Southern Africa*, v. 94, p. 32-49, March 1996.

Dito de forma simples, essa ênfase na práxis teológica procede da preocupação de “sermos fazedores da palavra”, não só ouvintes. Ser um “fazedor da palavra” significa estar envolvido em mudança ativa doadora de vida.

Meu ponto de partida hermenêutico é que toda teologia deveria estar a serviço do cumprimento do reinado de Deus na terra. O reinado de Deus<sup>7</sup> traz boas novas às pessoas em termos de suas situações de vida. Ele fala de justiça, amor, paz e integridade, do florescimento de equidade e *shalom*. A práxis de Jesus revela a visão crítica e transformadora do que significaria se a plenitude da presença de Deus fosse conhecida sobre a terra. Ademais, as pessoas que professam a fé cristã são chamadas a ser agentes de Deus para a cura deste mundo. Isso significa que o reinado de Deus, como expresso no ministério de Jesus Cristo, exige a realização *encarnada prática* de justiça, amor, liberdade, paz e integridade.

Na pandemia da AIDS, as comunidades de fé, de fato todas as pessoas de fé, estão enfrentando um *kairos*, um momento de verdade e crise, um tempo de mudança e ação decisiva.<sup>8</sup> O que há para fazer enquanto centenas morrem diariamente? O que pode parar o terrível aumento de mortes de mulheres e seu inevitável efeito sobre a unidade familiar? Quem cuidará dos inúmeros órfãos? As questões são tão desalentadoras que nossa reação humana natural é retroceder ou emudecer e recorrer à inação, visto que lidar com os desafios parece estar além de nossa capacidade. Mas a inação não é uma opção para pessoas de fé. Não se exige de nós que façamos o impossível. Simplesmente se pede, metaforicamente falando, que sejamos as mãos da compaixão de Deus em meio à crise atual em nosso país. Podemos começar nos opondo aos deploráveis efeitos do estigma, pois não há espaço para o estigma no cumprimento do reinado de Deus sobre a terra.

## O que é o estigma?

Originalmente, no grego clássico, o termo “estigma” se referia a uma marca cauterizada em membros de grupos marginalizados como, por exemplo, os escravos. Atualmente seu significado é mais complexo. Ele não tem, nas palavras de Gillian Paterson, uma definição única.<sup>9</sup> O que entendemos por estigma irá variar de acordo com nossos contextos históricos e culturais. Falando em termos muito amplos, trata-se de um termo que marca e então exclui uma pessoa como sendo maculada ou estranha, de valor menor, censurável ou a ser temida como indesejavelmente diferente. Leva à rejeição e à exclusão por motivos pelos quais as pessoas muitas vezes não têm responsabilidade. Isso é claramente uma compreensão negativa de estigma surgindo do

---

<sup>7</sup> Prefere-se usar reinado [*reign*] de Deus em vez de “reino [kingdom] de Deus” na medida em que reflete um conceito mais inclusivo da deidade [*God-head*].

<sup>8</sup> *Kairos* é uma palavra grega empregada para denotar um momento propício para a ação decisiva; por exemplo, Mc 1.15; Lc 8.13; Rm 13.11-13. Ver também *The Kairos Document: Challenge to the Church*, 1986.

<sup>9</sup> PATERSON, Gillian. *Conceptualizing Stigma*. Paper read at a UNAIDS Workshop of Theologians on HIV/AIDS in Windhoek, Namibia, 8 December 2003.

contexto em que este trabalho é escrito. Em outra época e em outro lugar, poderíamos discutir se o estigma tem as possibilidades de ser avaliado mais positivamente.

## Compreendendo o estigma

Não é fácil compreender o estigma porque ele é influenciado por fatores sociais, culturais, étnicos, políticos, religiosos e de gênero. Uma consciência da complexidade do estigma é, no entanto, o ponto de partida para lidar mais adequadamente com seus efeitos. As 15 observações que se seguem estão inter-relacionadas. Representando a natureza multifacetada do estigma, elas procuram realçar uma série de seus aspectos. Compreender é nossa primeira linha de defesa em meio a essa crise que, com demasiada frequência, é alimentada por ignorância, preconceito e mal-entendido.

1. O estigma lida com *mentiras*. Ele se recusa a ver a verdade da pessoa humana toda. O estigma fala a linguagem do preconceito, da concepção equivocada e inclusive da ameaça. Ele efetivamente marca “o outro” como indesejável, como tendo, nas palavras de Erving Goffman, uma “identidade estragada [*spoiled identity*]”<sup>10</sup>.

2. O estigma se alimenta de *silêncio e negação, culpa e medo*. Quando não se pode dizer a verdade sobre sofrimento e doença por causa do medo da estigmatização, a realidade é envolvida em silêncio ou é negada. A negação não só sacrifica a verdade. Ela nos priva de nossa capacidade de lidar efetivamente com o vírus. E, assim, “Thembi” morreu sozinha. Culpa e medo alimentam-se do silêncio e em pouco tempo privam os que são afetados e infectados de sua capacidade de enfrentar o vírus de maneira que nutram a vida em vez de sucumbir ao desespero e à desesperança.

3. As metáforas associadas à AIDS reforçam e legitimam a estigmatização. Por exemplo: A AIDS é rotulada como morte, como horror, como punição, como crime, como vergonha. A linguagem nos meios de comunicação e na cultura popular muitas vezes forma e encoraja imagens equivocadas sobre a pandemia, especialmente entre aqueles que não estão devidamente informados. Não é de admirar que Lunga tenha sido rejeitado na escola.

4. Tabus culturais são comuns, por exemplo, tabus envolvendo doença mental ou incapacidade física. A infecção pelo HIV foi estreitamente associada à transmissão sexual. Nas culturas em que não se encoraja uma discussão franca sobre assuntos da *sexualidade humana*, questões sexuais são consideradas suspeitas, inclusive impuras. A associação precoce do HIV com a homossexualidade complicou ainda mais atitudes culturais em relação ao vírus. Mais tarde, com a transmissão heterossexual do HIV, essas culturas continuaram a associar o vírus com o desvio sexual, a promiscuidade e, então, a prostituição. Tabus culturais caracterizaram toda a história da epidemia e

---

<sup>10</sup> GOFFMAN, Erving. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. London: Penguin, 1990.

continuam a funcionar atualmente como o aspecto mais profundamente arraigado do estigma relacionado ao HIV e à AIDS.

5. A estigmatização sexual foi estreitamente vinculada ao *estigma relacionado ao gênero*. Em vez de compreender que a infecção pelo HIV afeta mulheres mais do que homens devido à constituição biológica e ao *status* social delas, a infecção foi tipicamente associada com o que é considerado inapropriado em termos de normas locais de gênero. Por exemplo: trabalhadoras comerciais do sexo são “responsáveis” pela difusão da doença mediante seu comportamento “imoral”, ou mulheres em geral são rotuladas como promíscuas e responsáveis pelos índices crescentes da transmissão heterossexual. Mas, contrariando esses estereótipos, há uma taxa crescente de infecção entre mulheres casadas que têm um único parceiro sexual, ou seja, seus maridos.

6. O estigma é experimentado *em níveis diferentes*, na sociedade, em comunidades religiosas, na família e individualmente. As histórias introdutórias cobrem todos esses aspectos do estigma e podem levar todos eles à imposição do isolamento e da rejeição. Annatjie e “Thembi” temem ser julgadas por seus parentes e, menos diretamente, por suas comunidades de fé. A situação difícil de Lunga deve-se à ignorância somada ao estigma na sociedade.

7. O estigma que é *internalizado* é o mais difícil de enfrentar, pois invade a identidade da pessoa. Por exemplo: Quando pessoas são marcadas como indignas ou impuras por estarem infectadas pelo HIV, elas podem internalizar essa mentira e chegar a crer nela como se fosse a verdade a respeito delas. Isso pode levar ao isolamento autoimposto e à falta de autoestima. Creio que foi isso que aconteceu com “Thembi”.

8. Os estigmas relacionados ao HIV e à AIDS *raramente funcionam por conta própria* em relação à ameaça da doença. Quando estigmas culturais, raciais, sexuais e de gênero trabalham junto com estigmas gerados pelo HIV e pela AIDS, os efeitos são complexos e muitas vezes devastadores. Por exemplo: A AIDS é vista ou como a doença dos ricos ou dos pobres, dependendo da perspectiva de classe da pessoa; ou a AIDS é uma doença de mulheres, ou uma doença causada por homens, dependendo de novo da perspectiva de gênero; ou a AIDS é uma doença negra ou um assunto branco, dependendo da perspectiva de raça da pessoa etc.

9. O estigma jamais surge em um vácuo social. Ele sempre tem uma história que influencia a forma que assume. *Não* se trata de um *fenômeno isolado*. O estigma funciona com especial eficácia no ponto em que se encontram *cultura, poder e diferença*. A história da África do Sul ilustra claramente esse fato. O *apartheid* e a imposição da cultura africâner a esse país tiveram suas raízes na história africâner. A cultura africâner estava profundamente imbuída da noção de sobrevivência diante do que se chamou subsequentemente de “ataque total”. Quando essa cultura se combinou com o poder político, esse poder tinha de ser preservado estigmatizando as pessoas negras

como “o outro”. Dito sem rodeios: o estigma produz, reproduz e impõe desigualdade social e exclusão. Compreender a relação entre poder, cultura e diferença mostrará como o estigma é central para a maneira como se administra a ordem social.

**10.** A estigmatização pode ser *brutal* e violenta ou pode operar com *grande sutileza*. A primeira mártir da AIDS na África do Sul, Gugu Dhlamini, foi apedrejada até a morte em 1998 por falar abertamente de seu estado. Há também inúmeras mulheres como “Thembi”, que morreram quietas e sozinhas porque acreditavam não merecer algo melhor.

**11.** O reforço do estigma está relacionado com as rápidas mudanças que acontecem no mundo moderno. A *globalização* e a radical reestruturação da economia mundial se caracterizam, entre outras coisas, por processos aceleradores de exclusão social, como o abismo crescente entre ricos e pobres do mundo. Essa exclusão é reforçada por desigualdades e exclusões preexistentes, como racismo, sexismo e conflito religioso. Um dos resultados desse tipo de exclusão social é que *mulheres, crianças, os sem-teto e os desempregados*, que mais e mais carregam o fardo da pobreza, são adicionalmente estigmatizados. Os pobres não são pobres somente por ser preguiçosos, mas, ao serem infectados, também são agora imorais. A falta de necessidades básicas e a falta de educação básica criam um terreno fértil para o reforço do estigma. As pessoas são estigmatizadas por situações sobre as quais não têm controle, e então um tipo de estigma alimenta o outro. Compreender isso é importante para analisar as múltiplas camadas do estigma e, em última análise, a maneira como afetam nossa capacidade de combater o HIV e a AIDS.

**12.** O estigma apresenta uma dimensão trágica. Ser vítima do estigma devido a circunstâncias sobre as quais não se tem controle, como a mulher fiel que é infectada com o HIV por seu parceiro, não só é injusto, mas também trágico. Para essa pessoa, os efeitos do estigma podem variar desde a infelicidade até a severa aflição e inclusive a calamidade fatal. Os seres humanos aspiram a uma existência segura e com sentido em face de tudo que a coloca em perigo. Resistimos a um destino que é aniquilação. Ansiamos por viver com compreensão, respeito e amor. Também conhecemos e perpetuamos o sofrimento lamentável em nossos relacionamentos uns com os outros. O sofrimento humano envolve mais do que sofrimento físico. Tragicamente, estigmatizar “o outro” nos aliena uns dos outros e, mais importante, também de nós mesmos. Igualmente faz com que as pessoas continuem a compreender de forma equivocada a natureza da pandemia e suas causas. Tragicamente, isso desloca grande parte da energia que poderia ser usada para impedir a infecção. À medida que pessoas são vitimizadas e acusadas, reforçam-se divisões sociais quando as pessoas infectadas são consideradas maculadas e estranhas.

## Estigma e fé cristã

Diante da realidade chocante do estigma em nosso meio, que ferramentas teológicas estão disponíveis para as pessoas de fé lidar com o estigma? O que a igreja institucional deveria estar ensinando, pregando e aconselhando na atual crise? Como ela pode moldar uma comunidade moral cuja meta comum é o bem de todos? Como podemos ser responsáveis para com “Thembi”, Lunga e Annatjie? As sugestões que seguem sobre o tema do estigma são oferecidas para provocar nossas reflexões teológicas e engajar nossa práxis. Todas estas sugestões emanam de meu ponto de partida hermenêutico, ou seja, que cristãos estão incumbidos de vivenciar na prática os valores do reinado de Deus. Isso significa enfrentar a natureza *pecaminosa* do estigma de forma direta e então encontrar esperança em nossas escrituras e nossas tradições para comunicar a graça, a misericórdia e a compaixão de Deus em nossas ações nos tempos atuais. Novamente recorrerei a doze observações, todas inter-relacionadas, ao advogar uma compreensão teológica que possa apoiar nossa práxis teológica em combater o HIV e a AIDS. Todas as afirmações teológicas têm implicações práticas. Agir em consonância com o que cremos para que todos tenham vida e a tenham em abundância constitui tanto o desafio como a esperança.

1. Estigmatizar alguém significa agir de uma maneira que é alheia à natureza de Deus e à intenção de Deus para a humanidade. Nosso Deus é um Deus que abraça toda a criação, que amou o mundo e tudo que existe nele de tal modo “que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Amor, misericórdia e compaixão como atributos divinos são exatamente o oposto do estigma, que é desamoroso e intolerante. O estigma gera atitudes de julgamento que constituem uma negação da própria natureza de Deus. Julgamos quem é “aceitável” e quem não é, quem pode ser incluído e quem deve ser excluído, esquecendo que “Deus vem como juiz” (Sl 75.8). Somos repetidamente advertidos de que julgar outra pessoa é julgar a nós mesmos (Rm 2.1). Julgar uma irmã ou um irmão não é digno de uma pessoa que crê, pois estamos todos sujeitos ao julgamento de Deus. Quantas vezes não nos perguntamos, ao ficar sabendo do *status* de soropositivo de alguém, como ele contraiu o vírus? Quantas vezes esses pensamentos não são alimentados pela ignorância e matizados pelo julgamento? Porém, em vez de desesperar de nossa tendência para julgar, somos chamados a examiná-la criticamente e nos encorajar, pois o Espírito de Deus opera incessantemente em nós, purificando-nos de atitudes que são impróprias de cidadãos do reinado de Deus na terra. Podemos mudar e efetivamente mudamos.

2. O estigma é pecado, porque nega a realidade de *sermos criados iguais à imagem de Deus* (Gn 1.27), de sermos igual e incondicionalmente amados por Deus e de sermos todos igualmente dignos como portadores da imagem divina. Como Deus atribuiu dignidade e igualdade aos seres humanos na obra da criação, o fato de termos sido criados à imagem de Deus fala da importância de relações iguais e respeitadas, efetivamente da reverência por todas as pessoas que portam a imagem, embora de maneira parcial agora. Quando o ser humano é mencionado como “um soropositivo”,



ela ou ele se torna não mais do que uma estatística cuja identidade é subsumida nesse *status*. Essa não é a contínua intenção criativa de Deus para nós. Podemos e deveríamos desfrutar o desafio e o potencial, de fato a verdade, de nossa imagem divina.

3. O estigma é pecado porque destrói a *comunidade humana* afetando negativamente os relacionamentos humanos. Estigmatizar as pessoas de gênero ou raça ou classe ou capacidades diferentes, por exemplo, milita contra a comunidade justa, amorosa e compassiva. Quando uma criança não pode frequentar uma creche ou uma filha é expulsa de casa por serem portadoras do vírus, não se nega a elas somente sua igualdade na imagem de Deus, mas também sua necessidade de pertencimento. Deus nos chama para uma comunidade de relacionamentos mútuos amorosos, “[...] louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo” (At 2.47). Jesus nos diz para “[...] amar o próximo como a ti mesmo” (Mc 12.31). Esse mandamento significa muito pouco se não for encarnado em atos de amor e cuidado. Mas nossa resposta ao chamado de Cristo muitas vezes se mostra insuficiente. Consideramos difíceis os relacionamentos de poder e responsabilidade iguais, de liberdade e amor mútuos. A despeito de nós mesmos, porém, somos constantemente renovados e transformados pelo poder vivificante do Espírito Santo (Rm 7.6). A estruturação e reestruturação de relacionamentos justos em comunidade é a tarefa contínua do Espírito Santo, e nada do que fazemos pode, em última análise, impedir que isso se cumpra.

4. Nossas escrituras têm muito a dizer sobre *andar na verdade e caminhar na luz*. O salmista pergunta (15.1-2): “Quem, Senhor, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?”. A resposta é: “O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade”. Somos advertidos a adorar Deus “[...] em espírito e em verdade” (Jo 4.24) e consolados de que “[...] a verdade vos libertará” (Jo 8.32). Contar a *verdade* de nossas histórias é uma maneira poderosa de romper o silêncio e o estigma que permeiam a pandemia do HIV e da AIDS, especialmente em uma cultura de negação e prevaricação. Permitir que isso aconteça nos liberta para sermos comunidades que vivem na verdade. O estigma também prospera na escuridão. Somos chamados a “[...] *andar na luz do Senhor*” (Is 2.5). Se devemos “[...] deixar as obras das trevas e nos revestir das armas da luz” (Rm 13.12), não podemos lidar com nossos próximos em sussurros e insinuações. A luz nos acena na medida em que Jesus promete: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12).

5. O *amor* é uma característica distintiva do reinado de Deus e é eticamente imperioso para todos os seus membros. O amor jamais pode ser qualificado por padrões duplos. A preocupação de Jesus com a manutenção do princípio do amor leva-o a perguntar: “Pode, porventura, um cego guiar outro cego? [...] Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?” (Lc 6.39,41). O estigma é pecado porque é hipócrita e desamoroso. Eu estou consciente da trave em meu próprio olho antes de procurar o argueiro no olho do outro? Tenho uma classificação secreta do pecado? O pecado “sexual” é mais grave no meu

gráfico do que a avareza, a falta de amor e compaixão, a falta de gentileza e o abuso de poder, para citar alguns? Eu necessito, como o irmão mais velho do filho pródigo, ser resgatado de minha “virtude”? A hipocrisia e a falta de amor resultam em um culto que somente honra Deus com os lábios e não com nossos corações e que adora “em preceitos humanos como doutrinas” (Mt 15.9) em vez de “em espírito e em verdade”.

6. A *humildade* é uma virtude cristã de inestimável valor. Jesus adverte seus seguidores de que “[...] todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado” (Lc 14.11). O estigma gera atitudes de superioridade e arrogância. Em vez disso, nossa gratidão pelo que Deus fez por nós deveria nos levar a obras de compaixão. Não é fácil ser lavador de pés. Os pés de quem estamos estigmatizando? O que Jesus fez quando confrontado com um ser humano estigmatizado? Nosso conforto reside no fato de que Deus em Cristo perdoou nossos fracassos e que o Espírito nos está conduzindo para novos caminhos, intercedendo por nós enquanto oramos pela cura de nossos seres.

7. Estigmatizar a sexualidade humana é pecaminoso. *Deus nos criou seres sexuais*. Nossas naturezas sexuais são dádiva de Deus a nós para que a desfrutemos responsabilmente. É claro que o exercício irresponsável de nossas naturezas sexuais é moralmente inaceitável na medida em que conduz ao abuso e exploração de outros. No entanto, a estigmatização geral da sexualidade humana, que constitui parte tão grande do estigma relacionado ao HIV e à AIDS, é uma negação da bondade de uma das dádivas de Deus à humanidade. O HIV e a AIDS oferecem à igreja uma oportunidade de reivindicar e celebrar nossa natureza sexual de maneiras vivificantes e responsáveis.

8. O estigma é pecado porque fecha a porta tanto para *a cura individual quanto para a comunitária*. Comunidades que se enredam na falsidade do estigma deixam de exercer um ministério de cura. O estigma isola os indivíduos do potencial de cura em suas comunidades. A história do geraseno com o espírito imundo ilustra o que acontece quando um indivíduo é estigmatizado. Vivendo entre sepulcros, algemado e acorrentado, clamando e se ferindo com pedras, esse homem é o exemplo perfeito de uma vida estigmatizada. Então acontece um milagre. Jesus vê a necessidade dele e o cura de modo que se torna uma nova pessoa “vestido, em perfeito juízo” (Mc 5.1-14). Todos nós procuramos cura de algum tipo e todos nós somos curadores potenciais. A atual pandemia apresenta um momento *kairos* para que a igreja seja agente de Deus para curar em nosso continente de maneiras novas e transformadoras de vida.

9. Nossas escrituras nos proporcionam uma linguagem que pode expressar a verdade do presente sofrimento e nossa esperança em nosso Deus. É a *linguagem do lamento*.<sup>11</sup> Dada a imensidade da devastação produzida pelo HIV e pela AIDS, a ques-

---

<sup>11</sup> Ver ACKERMANN, 2003, p. 108-124.

tão é: Por que não estamos lamentando? A recuperação tanto do lamento individual quanto comunitário na igreja pode ter, no mínimo, três profundos efeitos. Primeiro, o cuidado pastoral efetivo responde às necessidades do presente. O lamento expressa inequivocamente a condição atual nomeando os efeitos dolorosos do estigma e deslocando o sofrimento do mundo interior privado para a realidade externa da comunidade de fé. O lamento permite que lágrimas fluam e corpos balancem em dor oferecendo um antídoto à paralisia do sofrimento humano. Segundo, o testemunho público de uma igreja lamentadora chama a atenção para o sofrimento dos sem-voz e o desespero dos sem-esperança, desafiando condições de silêncio e negação. Terceiro, o HIV e a AIDS levantam sérias questões sobre o poder e a presença de Deus em um mundo de sofrimento. Onde está Deus nessa pandemia? Se reprimirmos nossas perguntas sobre o sofrimento no mundo, somos tentados a nos contentar com um Deus do qual não ousamos nos aproximar com nossa dor e com o qual nosso relacionamento é menos do que verdadeiro. No entanto, os salmistas nos mostraram que Deus pode ser abordado muito diretamente com nossas perguntas, nossas dúvidas e temores e, ao mesmo tempo, Deus pode ser louvado. Tal é o poder do lamento que vem “das profundezas” (Sl 130.1) e que nos mostra uma maneira autêntica e verdadeira de lidar com o sofrimento.

**10.** O estigma é um pecado para o qual a igreja cristã contribuiu significativamente. Temos um histórico de estigmatizar os judeus. Estigmatizamos mulheres, sua vocação e seus dons como não tendo o mesmo valor que os dos homens. Não é de surpreender que o *status* de segunda classe das mulheres na sociedade seja um fator que contribui poderosamente para a feminização da atual pandemia. Estigmatizamos o corpo humano em uma hierarquia de valores ao relegá-lo a uma posição inferior em relação à mente e ao espírito, esquecendo que a encarnação é central para nossa fé. Não lidamos bem com estigmas de raça, gênero e classe. “Poluidores” potenciais da ordem social tornaram-se bodes expiatórios<sup>12</sup>, que devem ser punidos, como mães solteiras que são consideradas como tendo violado ideais de pureza sexual feminina, ou pessoas infectadas pelo HIV às quais se recusa o cálice da comunhão por serem “ritualmente impuras” – onde se deve ler “sexualmente ativas”<sup>13</sup>. Tristemente, as igrejas cooperam na perpetuação do estigma apoiando estigmas sociais que são revestidos em julgamentos morais dúbios, como o julgamento das pessoas que têm AIDS. Contudo, o que fizemos podemos desfazer. O espírito de Deus atrai a igreja para a renovação a fim de que ela se conforme àquilo que Deus deseja para ela – *uma comunidade de esperança e compaixão*, praticando ativamente relacionamentos mútuos que sejam amorosos e justos. Cooperamos ao concretizar isso moldando ativamente comunida-

---

<sup>12</sup> Mary Douglas descreve, em *Purity and Danger*, como as pessoas percebidas como potenciais poluidoras se tornam bodes expiatórios a serem punidos ou expulsos a fim de **preservar** a “pureza” dos valores da sociedade. Nesses processos, a religião desempenha um papel crucial. Ver também GIRARD, René. *I Saw Satan Fall like Lightning*. Trad. J. W. Williams. Maryknoll: Orbis Books, 2001. p. 154-160, para sua compreensão do recurso ao bode expiatório.

<sup>13</sup> PATERSON, 2003.

des morais que alimentam as capacidades morais de seus membros mediante a narração de histórias e pelo envolvimento nas obras de justiça e caridade.

**11.** *Jesus Cristo é o modelo* do que significa viver uma vida que demonstra a pecaminosidade do estigma. Ele próprio foi estigmatizado. Ele suportou as feridas do estigma em seu corpo. Mas toda a sua vida, o seu ministério, sua morte e ressurreição nos oferecem o grande recurso para enfrentar o estigma. Os evangelhos mostram-nos uma pessoa que tem uma preocupação singular com o sofrimento, os enfermos e os marginalizados, que se movimenta com facilidade através de barreiras sociais, cuja compaixão é tão profunda que toca, cura e dá vida nova às pessoas que experimentam estigma, doença e exclusão. Seu ensinamento traz esperança para aqueles em desespero e é incômodo para os que conhecem o poder. Sua morte e ressurreição contêm a promessa de vida nova para o mundo.

**12.** A maioria dos pontos acima enfatiza os aspectos pecaminosos do estigma. Pela graça, porém, o fracasso não tem a última palavra na vida cristã. Nossa esperança está em Jesus Cristo, a quem celebramos na *Eucaristia*. Lembramos que as origens da Eucaristia não estão no sucesso ou triunfo.<sup>14</sup> Ela de fato foi instituída “na noite em que Jesus Cristo foi traído e entregue aos poderes deste mundo”. A celebração da Eucaristia torna o reinado de Deus presente para nós na forma do corpo de Cristo partido “em favor de nós” e do sangue de Cristo derramado “em favor de nós”. Cristo nos convida para a festa. Ele é tanto o doador da festa quanto a própria dádiva. A ceia da comunhão oferece-nos um relacionamento vivificante com o Crucificado na presença do Ressuscitado. Aqui nos é concedida a oportunidade de forjar relacionamentos mútuos, superando todas as nossas diferenças. “Nós que somos tantos somos um só corpo, pois todos participamos de um só pão”. Essa prática unificadora e visível de relacionamento com todo o seu potencial para a cura é nossa. Oxalá possamos celebrar seu poderoso afastamento do estigma para a atividade radical de relacionamentos amorosos, superando todas as nossas diferenças.

## À guisa de conclusão

Na epístola atribuída a Tiago, o autor adverte os crentes:

Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural; pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era sua aparência. Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar (Tg 1.22-25).

---

<sup>14</sup> Ver WELKER, 2000.

Uma teologia feminista encarnada da práxis que procura responder ao estigma que se encontra no âmbito da pandemia do HIV e da AIDS toma a práxis, o “fazer da palavra”, como a medida pela qual se julgarão seu testemunho, integridade e autoridade. O testemunho inclusivo e solidário de comunidades de fé nos tempos de hoje necessita de mulheres e homens compassivos e sábios cujas ações são marcadas pelo repúdio a todas as formas de estigma, assim como por imaginação, perseverança, preocupação por justiça, coragem de posicionar seus corpos na linha e fidelidade aos ensinamentos daquele que nos mostrou o caminho. Então nosso testemunho pode exatamente fazer uma diferença tangível para as vidas de pessoas como “Thembi”, Lunga e Annatjie.

## Referências bibliográficas

- ACKERMANN, Denise M. *After the Locusts: Letters from a Landscape of Faith*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge, 1966.
- DYKSTRA, Craig; BASS, Dorothy C. A Theological Understanding of Christian Practices. In: VOLF, Miroslav; BASS, Dorothy C. (Eds.). *Practicing Theology: Beliefs and Practices in Christian Life*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.
- FORRESTER, Duncan B. *Truthful Action: Explorations in Practical Theology*. Edinburgh: T & T Clark, 2000.
- GIRARD, Renée. *I Saw Satan Fall like Lightning*. Trad. J. W. Williams. Maryknoll: Orbis Books, 2001.
- GOFFMAN, Erving. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. London: Penguin, 1990.
- HARRISON, Beverly. *Making the Connections: Essay in Feminist Social Ethics*. Boston: Beacon Press, 1985.
- LATHER, Patti. *Getting Smart: Feminist Research and Pedagogy with/in the Postmodern*. New York: Routledge, 1991.
- LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. *Annual Review of Sociology*, v. 27, p. 363-385, 2001.
- PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. *HIV and AIDS-related Stigma and Discrimination: A Conceptual Framework and Implications for Action*. Rio de Janeiro: ABIA, 2002.
- PATERSON, Gillian. Conceptualizing Stigma. Paper read at a UNAIDS Workshop of Theologians on HIV/AIDS in Windhoek, Namibia, 8 December 2003.
- WELKER, Michael. *What Happens in Holy Communion?* Trad. J. F. Hoffmeyer. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.